

ENTREVISTA DE DOMINGO Zilda Maria Francisco

Uma telefonista no centro do poder

CARLA OLIVO

Nas últimas três décadas, quem telefonou ou recebeu ligações da Câmara e da Prefeitura de Mogi das Cruzes certamente ouviu do outro lado da linha a voz da mogiana Zilda Maria Francisco. Aos 53 anos, ela acaba de se aposentar, encerrando a trajetória marcada por histórias dos bastidores dos poderes Legislativo e Executivo, mas deixa claro: “Ganhei a vida para ouvir e não para falar, mesmo porque há casos que podem dar CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito)”. Zilda acompanhou momentos complicados da política da Cidade, como o caso do Mogigate, em 1983, que envolveu

problemas com a concessão do transporte público rodoviário entre Mogi e a Capital; e a ‘Vigília das Diretas’, no ano seguinte, quando o País parou para acompanhar a votação da “Emenda das Diretas”; além de outros episódios polêmicos. De família humilde, teve uma infância difícil. Com apenas 5 anos, perdeu a mãe (Benedita Aparecida de Jesus) e foi criada pelo pai, o caminhoneiro Joaquim Hugo Francisco, que passou a levá-la, acompanhada do irmão Celso, em suas viagens. Aos 8 anos, morou com a tia Lídia, em Guararema, para começar os estudos, interrompidos pelo segundo casamento do pai e a mudança para Guarulhos. Quatro anos

depois, cansada de ser maltratada pela madrasta, Zilda fugiu de casa a pé, pediu esmola e chegou à empresa Eroles, onde o pai, já separado, era motorista. Ainda morou com o irmão em Guararema antes de fixar residência em Mogi, em 1975. Aqui concluiu o curso ginásial na Escola Estadual Dr. Deodato Wertheimer, foi professora de datilografia e ajudou o pai nos bares que ele comandou. Com 18 anos, iniciou como telefonista na Universidade Braz Cubas (UBC) até que, em 1982, ingressou na Câmara e, cinco anos depois, foi para a Prefeitura, onde se aposentou neste mês. Na entrevista a **O Diário**, ela revela histórias vividas na Cidade:

Quais as lembranças de sua infância?

Nasci em César de Souza, onde meu pai tinha um bar, mas logo nos mudamos para Guararema. Fiquei órfã de mãe aos 5 anos e minha infância foi muito sofrida. Como ele era caminhoneiro, eu e meu irmão Celso passamos a morar no caminhão, o acompanhando nas longas viagens pelo Brasil. Foi assim até os 8 anos, quando eu e o Celso passamos a morar com minha tia Lídia, em Guararema, para estudarmos. Logo meu pai se casou novamente e me levou para morar com ele em Guarulhos. Mas minha madrasta, que já tinha filhos, me maltratava demais e, aos 12 anos, fugi de casa.

Para onde você foi?

Em 1 de junho de 1973, saí de casa a pé, sem dinheiro. Nesta época, meu pai já tinha se separado dela e voltado para Mogi, mas me deixou morando com a madrasta. Só consegui andar até Ferraz, mas pedi esmola a uma mulher que estava vendendo bolachas e lembro que ela me deu o dinheiro da condução até Mogi e um pacote de bolachas. Peguei o ônibus e desci na Eroles, onde meu pai trabalhava como motorista e na ocasião estava em viagem pela Argentina. Lembro que o Edson Camillo, que foi vereador, trabalhava lá na empresa. Um funcionário me levou até a pensão da dona Lalinha, na Rua Benjamin Constant, perto da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), onde meu pai morava, e lá fiquei esperando ele voltar.

Como foi este reencontro?

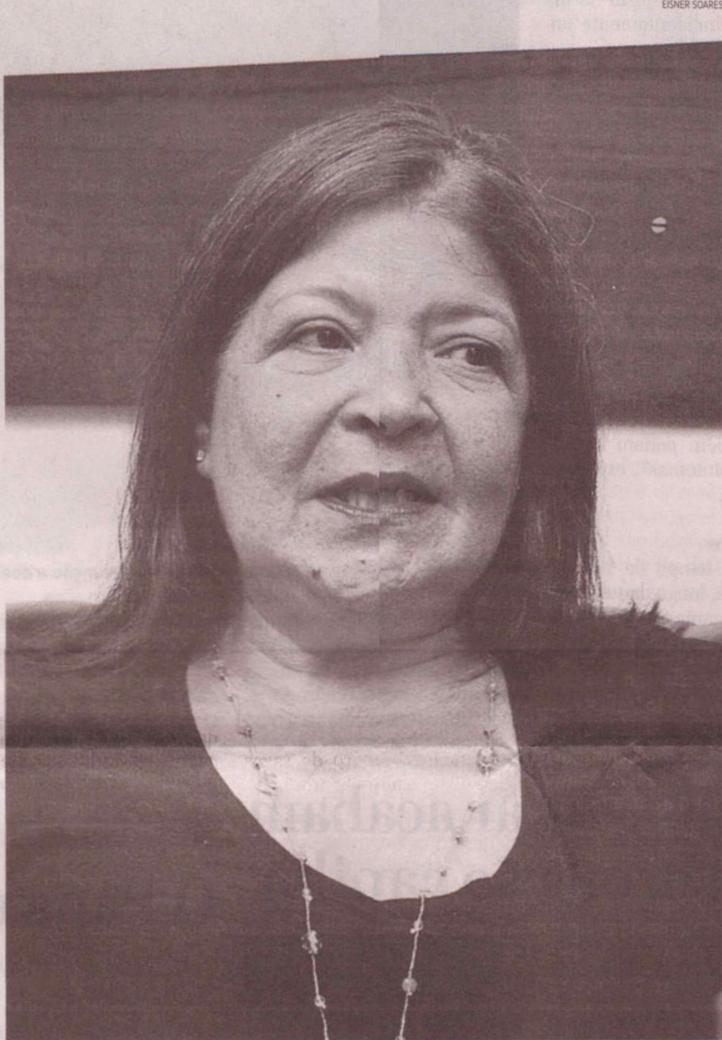
Antes disso, meu irmão, que havia ficado com nossa tia, em Guararema, recebeu uma notícia de que eu tinha sido sequestrada e estava na pensão. Em uma noite, com o investigador Hélio Rong e outros policiais, ele arrombou a porta da pensão em desespero. Conte a história para ele, que esperou meu pai chegar, no dia seguinte, e me levou para morar novamente em Guararema. Foi aí que refiz a vida e tudo o que tenho devo ao Celso, que inclusive me deu o primeiro batom, o primeiro perfume e oportunidade para que eu estudasse. Concluí o primário no Grupo Escolar Getúlio Vargas, onde a diretora era a rigorosa dona Rute. Lá, me empenhei tanto que ganhei, com os amigos Sílvio Usier e João Pedro Freire e meu primo João Carlos dos Santos, a medalha de um concurso sobre a história da Cidade. Em seguida, fiz até a sexta série do ginásial na escola Roberto Feijó, mas concluí o curso em Mogi.

Quando foi a mudança para Mogi?

Em 1975, meu irmão se casou e me trouxe para morar com ele e sua mulher Isabela. A casa era na Rua Cabo Diogo Oliver, onde também ficava a escola de datilografia Status, que ele comprou. Lá estudei e depois dei aulas durante o dia. Foram meus alunos de datilografia o Manoel Camanho, do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), e os irmãos Luciano e Marilda Frezatto. Enquanto isso, fazia o curso ginásial à noite, na escola Dr. Deodato (Wertheimer), onde tive professoras como Ciolanda, de Ciências, e Elzinha, de Português. Como já era ativa e comunicativa, fui presidente do Centro Acadêmico da escola por dois anos.

E depois do ginásio?

Tentei o colegial, mas não consegui por causa do trabalho. Em 1978, meu irmão se mudou para Rio Grande, no Sul, e voltei a morar com meu pai, desta vez, na Chácara Jafet. Ele já estava aposentado e tinha o Bar dos Motoristas, na Rua Ipiranga, perto do Largo (Francisco Ribeiro Nogueira). Lá, eu o ajudava atendendo os clientes no balcão, assim como em outro bar que ele montou, em frente



BALANÇO Zilda conta fatos da infância e dos 30 anos de trabalho no poder público

à antiga Maternidade Mãe Pobre. Mas estava com 18 anos e queria algo melhor, então consegui emprego como telefonista na Universidade Braz Cubas, no Mogilar, na época do Dr. Jacks Grinberg. Foram apenas seis meses, porque meu pai não gostava que eu trabalhasse fora e queria que eu o ajudasse no bar. Mas mesmo assim, ainda fui recepcionista dos escritórios de contabilidade do Jair Barros Corrêa, Manoel Gomes Amorim e Dr. Marco Nahum.

Como teve início seu trabalho na Câmara?

Quando meu pai montou um bar no km 2 da Mogi-Dutra, ao lado do Rancho da Pamonha, me levou para trabalhar com ele. Vários políticos, como o Boy (Valdemar Costa Neto) e vereadores almoçavam lá. Um dos fregueses, que trabalhava na Companhia Suzano (hoje Suzano Papel e Celulose) e era vizinho do vereador Bento Antonio de Oliveira, me indicou a ele. Fui à antiga sede, ainda na Barão de Jaceguai, e fiz o teste. Comecei lá e no Carnaval de 1982 nos mudamos para o Centro Cívico.

Quais eram suas atividades?

Eu era telefonista e recepcionista, encaminhava quem chegava lá e atendia os 17 vereadores e seus assessores, fazendo todas as ligações em um aparelho KS pequeno. Sempre tive boa memória e facilidade para decorar nomes e números, fiz uma boa agenda e procurava atender aos pedidos com agilidade. Logo fui conhecendo as famílias da Cidade e ficou mais fácil localizar as pessoas e descobrir novos contatos. Conquistei o reconhecimento de vereadores como Sethiro Namie; Marcos Benoni; Tadao Sakai; Charutinho (José Carlos de Souza); Romildo Campelo; Bento Antônio de Oliveira; Rosa Portela; José Antônio de Figueiredo, o Caria;

Miguel Sanchez; Cuco (José Antônio Cuco Pereira); José Cardoso Pereira; Chico Bezerra; Tarcísio Damásio; Luiz Alves Teixeira; Wilson Cury; assim como do advogado da Câmara, Sérgio Nogueira; do diretor-geral Luiz Alberto de Miranda Ortiz; e de funcionários.

A senhora acompanhou casos polêmicos na Câmara...

Estava lá na época do Mogigate, quando atendia e fazia as ligações para os envolvidos no caso, e também na Vigília das Diretas, quando viramos a noite trabalhando. Houve momentos desgastantes, polêmicos, várias discussões e brigas entre rivais, mas digo sempre que ganhei a vida para ouvir e não para falar, porque há casos que podem dar CPI. Houve passagens gratificantes, como a inauguração da Mogi-Bertioga, em 1982, quando foram enviados convites à população e oferecidos ônibus gratuitos. Vareei a noite liberando os ônibus lotados para a rodovia. O prefeito era o Waldemar (Costa Filho), que trouxe o então governador, Paulo Maluf, para a festa.

Até quando trabalhou no Legislativo?

Tinha feito um projeto de vida de que se não me cassasse até os 24 anos, teria um filho e assim foi. O Thiago nasceu em 18 de junho de 1985, com seis meses e 20 dias de gestação. Tive eclâmpsia, convulsões, entrei em coma e fiquei internada 11 dias no Hospital Santana. Os vereadores faziam orações na sala de reuniões da Câmara. Depois que tive alta, sofri depressão pós-parto e fui para uma clínica em Taboão da Serra, também com a assistência deles até me recuperar. Voltei a trabalhar e no final de 1986 me casei. O chá de cozinha foi na Câmara, com os vereadores e funcionários. Fiquei lá até o início do mandato do Machado (Antônio Carlos Machado Teixeira) na Prefeitura. A telefonista

EISNER SOARES

de lá, Maria Antônia dos Santos, se aposentou e ele precisava de alguém que conhecesse o meio político, então, em 23 de março de 1987, entrei na Prefeitura.

Como foi o início do trabalho lá?

Levei o mesmo sistema de trabalho, sempre localizando as pessoas com agilidade e sem distinção, porque desde o prefeito até o funcionário mais simples são iguais e devem ser tratados com respeito. O aparelho já era PABX, cheio de botões, e eu fazia todas as ligações. Tudo passava ali, por mim e pela outra telefonista, Maria Ângela de Siqueira. O PABX não parava. Era uma loucura, mas todos os anos, no Dia da Telefonista, recebíamos cartões assinados pelo José Carlos Vidolin, presidente da antiga Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC), pelo índice zero de ligações perdidas. Hoje é tudo muito prático, principalmente por conta da Internet, onde é possível pesquisar tudo, mas na época não era fácil e recorriamos ao Auxílio à Lista e às demais telefonistas da Cidade para localizar alguém que não tínhamos o contato.

E o convívio com os demais prefeitos?

Depois do Machado entrou o Waldemar (Costa Filho), que já me conhecia da Câmara. Quando o Boy saiu candidato a deputado pela primeira vez, eu e a Ângela nos revezávamos no comitê dele. O Tadeu Candelária, que era braço direito do seu Waldemar, me indicou para o gabinete. Em 1992, deixei o PABX e fui para lá, onde só tinha hora para entrar, mas aprendi muito. O prefeito tinha um gênio difícil, era enérgico, disciplinado, mas nunca levei uma bronca dele. Lembro que ele gostava de ver as mulheres do gabinete bem vestidas e mandou fazer uniformes, com saia e blazer, no ateliê do Gil Fuentes, na Rua Navajas, e usávamos sapato de salto alto. Ali trabalhavam a Angelita Barros, Louraci Della Nina Tavares, Mariúcia Tozatti, Edméia, Sara, Eliana, e na copa ficavam a Toninha e a Madalena. Todos os dias, às 7 horas, ele chegava com seu Fusca prata original e ligava para cada uma perguntando se estava tudo bem. Ele nos conhecia até pela voz.

Quais histórias ficaram marcadas?

Todos sabiam que o seu Waldemar trabalhava até tarde e um figurão da Cidade ia quase todos os dias ao gabinete, depois do expediente, por volta das 19h30. O prefeito nos falava que se ele chegasse era para colocarmos uma vassoura atrás da porta, com vários garfos espetados nela, para que ele fosse embora logo. Isso virou mania. Também vi muita gente sendo convidada a se retirar do gabinete e me recordo de que todo mundo era igual, inclusive os secretários, que batiam cartão e precisavam dar satisfação de tudo. O prefeito controlava tudo e nós precisávamos saber o paradeiro de todos na hora em que ele nos perguntava. Ele gostava de ser atendido com agilidade e uma vez me pediu: ‘Liga para o Chico’. Não perguntei qual deles. Coloquei os três Chicos com os quais ele sempre falava na linha e, na hora de passar a ligação, perguntei ao seu Waldemar qual dos Chicos ele queria. Era o Ornellas, então, passei logo a ligação e me desculpei com os outros dois, o Bezerra e o Nogueira, dizendo que havia me enganado. Tudo para não deixá-lo nervoso. Eu também era responsável pelo envio dos informativos mensais de gastos que ele encaminhava à população e pelos recortes das matérias publicadas nos jornais. Foi na

PERFIL

NOME: ZILDA MARIA FRANCISCO**IDADE:** 53 ANOS**NASCIMENTO:** MOGI DAS CRUZES**ESTADO CIVIL:** DIVORCIADA**FILHOS:** THIAGO E ANDRESSA**FORMAÇÃO:** CURSO GINASIAL (E.E. DR. DEODATO WERTHEIMER)**TRABALHO:** TELEFONISTA APOSENTADA

gestão do seu Waldemar que tive o prazer de conhecer o Ulisses Guimarães, quando ele veio à Prefeitura visitá-lo.

E o contato com o Chico Nogueira?

Conhecia o Chico da Câmara, onde ele vivia cantando a música ‘Chico Mineiro’ pelos corredores. Ele era tranquilo, mas a assessoria dele não me deixou ficar no gabinete e voltei ao PABX. Em 1994, houve um concurso polêmico para telefonista, com apenas uma vaga. Fiquei em primeiro lugar, mas não passei e levava as outras telefonistas à minha casa, após o expediente, para ensiná-las o serviço. Quando o Chico morreu, seu sucessor Padre Melo (Manoel Bezerra de Melo) abriu três vagas para o cargo e passei a ser concursada. Em seguida, o Waldemar voltou e depois foi o Junji, que eu já conhecia quando era deputado.

Como foi esta gestão?

Eu o ajudei na campanha e voltei ao gabinete. Ele também é rigoroso, enérgico, perfeccionista, disciplinado, mas confiava no meu trabalho e me ligava em casa à noite e aos finais de semana pedindo números de telefones, que eu tinha na ponta da língua. Foi nesta época que organizei a agenda no computador,

o que facilitou o trabalho feito até hoje na Prefeitura. Nesta época, os secretários me apelidaram de Pitzilda, já que apesar de não baterem cartão, precisavam

me dizer onde estavam. Eu tinha que saber quem chegava e saía do prédio para dizer ao Junji, quando ele me perguntava. Depois que ele saiu, continuei na Prefeitura, até este início de ano, mas não gostaria de falar desta fase.

A senhora também trabalhou no comitê de Costa Neto. Como vê a prisão dele pelo envolvimento no mensalão?

Fiquei triste, mas sempre soube separar a pessoa e o político e o admiro muito. Lembro que a única vez que vi o seu Waldemar chorar foi quando o Boy votou pelo impeachment do Collor (Fernando Collor de Melo, ex-presidente da República), dizendo que pelos valores que herdou do pai e pelo o que o povo representa, votava sim. Eu ainda o vejo assim. Se como político ele falhou, como pessoa, comigo, não.

Hoje, quais são suas distrações?

Sempre costurei, já fiz vestidos para festas e formaturas, além de ovos de Páscoa, trufas e bombons. Além de continuar com estas atividades, quero voltar a estudar, embora não tenha deixado de me atualizar, principalmente sobre política. Gosto desta área, mesmo porque meu nome foi dado em homenagem à Zilda Natel, mulher do governador Laudo Natel. Mas como vi muita injustiça enquanto trabalhei no poder público, gostaria de um dia ver uma política voltada para o povo, com o peso do voto igual durante e após o período eleitoral. Ainda como distração, acompanho os jogos do meu time, o Corinthians, pela TV. E como gosto do esporte, fiz o curso de árbitro de futebol de salão, mas nunca atuei.